

CIDADES

Missão Cruls



Aventura sobre o Paranaíba

Exploradores atravessaram o rio sobre embarcação precária para chegar às terras goianas

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL

Catalão (GO) - Em vez de balsas, cavalos e burros, há uma ponte de concreto e o asfalto da BR-050 no lugar escolhido há 111 anos pela Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil para atravessar o Rio Paranaíba, na divisa de Minas Gerais com Goiás. Do lado mineiro, pequenas barracas de lanche servem de apoio para os viajantes atuais, em especial os caminhoneiros. A comissão liderada pelo astrônomo belga Luiz Cruls levou um mês e dois dias entre o Rio de Janeiro e Catalão, a primeira cidade goiana depois de Minas Gerais.

Só entre Araguari — onde os desbravadores trocaram o trem de ferro pelo lombo de animais — e Catalão, foram 12 dias de viagem. O mesmo percurso entre os limites de Minas e Goiás, feito pela turma de pesquisadores que segue os passos da Missão Cruls há uma semana, não levou mais do que uma hora. O trecho de 70km é todo asfaltado. O trânsito, às vezes, se torna perigoso por causa dos caminhões carregados e em alta velocidade.

A Missão Cruls escolheu a localidade conhecida como Porto Velho para atravessar o Paranaíba não só pelo “lanchão” — embarcação precária de madeira — e animais que o lugar dispunha. Aquele era (e ainda é) o ponto mais estreito entre as duas margens do rio. “Pelos medições a que procedeu a Comissão, achou-se uma largura média de 155 metros; maior profundidade, 12 metros, e velocidade média, na superfície, cerca de 0,80m por segundo”, escreveu Cruls em seu relatório final sobre a exploração no Planalto Central brasileiro. A ponte, construída há 45 anos, tem pouco mais de 150 metros de comprimento. A primeira ponte sobre o Paranaíba foi construída em 1913, na cidade de Anhangüera, a 20km do local onde os exploradores fizeram a travessia, em 1892.

O astrônomo fez questão de destacar que aquelas medidas não eram exatas. “Note-se que são apenas aproximativos esses dados, pois nesse lugar o álveo do rio é obstruído pela rocha que emerge em vários pontos”, ressaltou Cruls, com a grafia da época. Quando a missão chegou ao rio, era período de seca. Por isso, havia tantas pedras visíveis no leito do Paranaíba. Com as chuvas, o nível da água aumentava, assim como a distância entre as margens, e as pedras ficavam encobertas.

Fonte de energia elétrica

As mesmas pedras que chamaram a atenção de Cruls atraíram os engenheiros e políticos minei-

ros contemporâneos, que resolveram construir uma série de barragens e hidrelétricas ao longo do Paranaíba. A velocidade com que correm as águas do rio foi o principal fator da escolha do lugar para construção das usinas geradoras de energia elétrica.

As obras modernas alteraram a rotina do Paranaíba. “Hoje, não é a seca ou a chuva que determina o nível do rio, e sim as comportas das barragens”, lamentou a geóloga Regina Clélia Hadad, da Universidade Federal de Uberlândia (UFF). Ela faz parte da equipe que segue os passos da Missão Cruls.

Quando a geóloga e os pesquisadores da nova Missão Cruls passaram pelo Paranaíba, no domingo, o rio estava com pouca água. As comportas da barragem mais próxima, Emborcação, haviam sido fechadas no dia anterior. Já ontem, com a reabertura das comportas, o nível do rio voltou a subir, e poucas pedras ficaram à mostra.

Apesar das interferências do homem, o Paranaíba sobrevive na região da divisa de Minas e Goiás. O rio de água esverdeada continua limpo e atraindo pescadores, como o electricista Eurípedes Aparecido Ramos, 34 anos. Morador de Uberlândia, ele costuma percorrer de moto os 70 km até o Paranaíba, todo fim de semana, só para lançar a linha da vara de pescar no rio. O ponto preferido é o alto da ponte de concreto. “Aqui a gente pega traíra, bagre, mandim”.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEY POZZEMBOM VIAJAM DE DOBLÔ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS

Wanderlei Pozzembom



Henrique Morize/Arquivo Público-DF



A TRAVESSIA

A PONTE DE CONCRETO QUE LIGA ARAGUARI (MG) A CATALÃO (GO) FOI CONSTRUÍDA HÁ 45 ANOS NA PARTE MAIS ESTREITA DO RIO PARANAÍBA — SÃO 150 METROS DE EXTENSÃO. HÁ 111 ANOS, OS INTEGRANTES DA MISSÃO CRULS LEVARAM DOIS DIAS, SOBRE UMA ESPÉCIE DE Balsa, PARA LEVAR ANIMAIS E TODO O MATERIAL DO ACAMPAMENTO ATÉ A OUTRA MARGEM



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

HONESTINO, CADÊ VOCÊ?

Uma exposição singela, no subsolo da biblioteca da UnB, lembra os 30 anos do desaparecimento de Honestino Guimarães, o líder estudantil preso em outubro de 1973, no Rio, no período mais tenebroso da ditadura militar. Depois dessa última prisão, Honestino nunca mais foi visto. Foi se juntar à lista dos mortos sem corpo, sem velório, sem cova.

Honestino foi contemporâneo de Wladimir Palmeira, Luís Travassos, Franklin Martins, José Dirceu. Viveu somente 26 anos, um quase na-

da para quem tinha sangue de lutador, apesar da simplicidade goiana, como relatam os que com ele conviveram.

Na homenagem que a Universidade Católica de Goiás prestou ao líder estudantil, no dia 10 de outubro passado, o prefeito de Goiânia, Pedro Wilson, lembrou que Honestino desmistificou a idéia de que militante estudantil não estuda. Último presidente da União Nacional dos Estudantes dos anos de chumbo, Honestino era dono das melhores notas do curso de Geologia na UnB.

Quando perguntaram ao pai dele, Benedito Monteiro, por que o filho era tão rebelde, ele respondeu: “Eu

apenas o ensinei a ler”. Ensinou direitinho, porque o menino nascido em Itaberaí, interior de Goiás, tinha inteligência acima da média e aguçado espírito crítico. E vontade de mudar o mundo, artigo que anda em falta desde que se instituiu o reinado do umbigo — eu, minha carreira, meu sucesso, meus projetos, eu, nada mais do que eu.

Das vezes que tenho conversado com estudantes de jornalismo sobre o exercício da profissão de repórter, o ofício de escrever crônicas, o futuro da profissão de jornalista, e assuntos do gênero, percebo que a moçada que hoje se prepara para a vida adulta vive à procura de um norte.

Viver não tem lá muito sentido — é aonde se chegará se a gente resolver encarar essa pergunta frente a frente. O projeto de viver ancorado somente na busca desarvorada pelo sucesso pessoal parece que não está preenchendo de todo as expectativas de quem chegou à universidade. Os olhinhos inquietos dos estudantes, suas perguntas recorrentes sobre valores, sonhos, família, perspectivas, hábitos, crenças, religião, me fazem supor que essa moçada quer mais que o sucesso. Até porque estão inseguros diante da concorrência brutal que vão enfrentar lá fora.

É preciso se ancorar em algo mais

substancial — é o que eles me dizem com suas indagações.

Nós, que não fizemos a revolução, éramos incensados pela vontade de mudar o mundo. Éramos eu, tu, ele, um monte de gente jovem, gritando nas ruas pelo fim da ditadura militar. Só quem já participou de um projeto coletivo — uma gincana na escola, que seja — sabe o quanto isso infla nosso peito de vigor, ferve nossa alma de entusiasmo. E agrega mais sentimento de humanidade à vida.

O tempo dos Honestinos passou — e, tomara, ele não volte. Mas o tempo de sonhar com um mundo menos vil, desigual e egocêntrico, esse não passou nem passará.